

CONCILIAÇÃO ENTRE O TRABALHO E OS FILHOS Perspectivas de futuro para jovens de cinco países

Julia Brannen e Janet Smithson

Resumo Este artigo analisa as perspectivas dos jovens sobre a futura conciliação do emprego com a vida familiar, com base nas entrevistas de grupo focalizadas conduzidas na Irlanda, Noruega, Portugal, Reino Unido e Suécia. Partindo do contexto das políticas públicas e da oferta de serviços de guarda de crianças dos diferentes países, procura-se compreender o modo como os jovens equacionam a conciliação entre trabalho e vida familiar a partir da análise de duas questões: 1) a posição normativa dos jovens sobre a inserção profissional das mães com filhos pequenos; 2) as condições consideradas mais adequadas para se cuidar das crianças pequenas.

Palavras-chave juventude; trabalho; família; guarda de crianças.

Este artigo analisa as perspectivas dos jovens sobre a futura conciliação do emprego com a vida familiar, com base em entrevistas de grupo focalizadas conduzidas em cinco países: Irlanda, Noruega, Portugal, Reino Unido e Suécia. Os grupos foram organizados por género (embora alguns deles fossem mistos) e de acordo com a condição perante o trabalho, profissão e escolaridade dos jovens.¹ Estes grupos não pretendem ser representativos de todos os jovens; por exemplo, dois grupos britânicos incluem jovens de origem asiática, pois estes constituem uma minoria étnica significativa na Grã-Bretanha. Eram poucos os jovens que já tinham filhos.

Tendências do emprego de pessoas com filhos

As perspectivas dos jovens a propósito da futura conciliação do emprego com a vida familiar são susceptíveis de serem condicionadas pelas tendências sociais dos respectivos países. Conforme se pode observar no quadro 1, as mães irlandesas integram a força de trabalho em menor proporção relativamente às norueguesas, suecas ou portuguesas, estando as britânicas algures a meio. As mães portuguesas trabalham quase sempre a tempo inteiro, enquanto poucas o fazem no Reino Unido e na Irlanda, embora este número esteja a aumentar. As mães suecas e norueguesas assemelham-se na sua propensão para fazerem parte do mercado de trabalho e as mães suecas trabalham numa proporção quase equivalente em tempo parcial e a tempo inteiro. O Reino Unido e a Suécia têm os níveis mais elevados de trabalho em *part-time* (embora o número de horas de trabalho das mães no Reino Unido seja inferior ao da Suécia), ao passo que Portugal e a Irlanda possuem níveis muito

Quadro 1 Actividade profissional de mães e pais em cinco países

	Portugal	Suécia	Noruega	Reino Unido	Irlanda
Emprego das mães (filhos 0-16)	69%	75%	72-85%	58%	37%
Emprego a tempo inteiro das mães	62%	35%	—	20%	23%
Emprego em <i>part-time</i> das mães	7%	40%	—	37%	14%
Número médio de horas semanais de trabalho das mães	38,1	—	29,7	25,7	32,0
Número médio de horas semanais de trabalho dos pais	44,5	—	38,7	46,9	40,7

Fonte: Deven *et al.*, 1997.

Quadro 2 Licenças para pais e serviços de guarda infantil em cinco países

	Portugal	Suécia	Noruega	Reino Unido	Irlanda
Licenças parentais	sem vencimento	pagas	pagas	—	—
Infantários públicos	alguns	muitos	a aumentar	poucos	—

Fonte: Rede de Cuidados Infantis da UE (EU — Child Care Network, 1996).

reduzidos desta modalidade de trabalho. Nos países em que se verificou um aumento muito rápido do trabalho a tempo inteiro das mães nos tempos mais recentes, sobretudo em Portugal, regista-se também a média de horas de trabalho mais elevada. Quanto aos pais, o Reino Unido regista o número de horas de trabalho mais elevado da Europa, seguido de Portugal. Os pais noruegueses são os que têm um horário laboral mais reduzido.

É também necessário compreender as perspectivas dos jovens sobre a conciliação do trabalho com as obrigações familiares no contexto das políticas públicas e ofertas de serviços de guarda para os filhos de pais e mães com actividade profissional. O nascimento dos filhos constitui um momento crítico da carreira profissional das mães e determina o perfil subsequente da mobilidade profissional dessas mulheres.

O quadro 2 evidencia a disponibilidade de licenças parentais e de serviços de guarda de crianças financiados pelo Estado nos cinco países, os quais, sem estas formas de apoio, nomeadamente a Irlanda e o Reino Unido, funcionavam outrora com base no pressuposto de que as mães com filhos abaixo da idade escolar

ficavam em casa. No entanto, isto alterou-se significativamente no Reino Unido desde os anos 80 (Brannen *et al*, 1997) e as taxas de emprego das mães irlandesas estão a aumentar rapidamente. As taxas de actividade profissional do Reino Unido para mães com filhos abaixo da idade escolar (5 anos) aumentou de 27%, em 1984, para 45% em, 1994. Porém, as mães trabalhadoras com filhos pequenos no Reino Unido ainda dependem em grande medida, da mesma forma que as portuguesas, do apoio informal prestado normalmente pelas avós das crianças. O mercado de infantários privados está a crescer muito rapidamente no Reino Unido, bem como em Portugal. Pelo contrário, na Noruega e sobretudo na Suécia existe um nível elevado de serviços de guarda de crianças financiado pelo Estado, bem como períodos consideráveis de licenças pagas para os pais, enquanto Portugal, cuja proporção de mães a trabalhar a tempo inteiro é a mais elevada, para além da licença de maternidade e paternidade actualmente de 14 semanas, remuneradas, apenas oferece aos pais e mães da administração pública licenças sem vencimento.

Opiniões dos jovens sobre a conciliação do trabalho com a vida familiar

Na sua maioria sem filhos, poucos são os jovens incluídos neste estudo que consideravam seriamente a perspectiva imediata de os ter, e muitos apenas viam essa possibilidade como uma realidade longínqua. Deste modo, as reacções que obtivemos à ideia e à prática de conciliar o trabalho com os filhos são, na maioria dos casos, puramente hipotéticas ou, pelo menos, algo que não faz parte dos planos de futuro imediatos destes jovens. Muitos deles esperam primeiro passar por uma variedade de outros acontecimentos e preencher um determinado número de requisitos antes sequer de considerar ter filhos. Um aspecto crucial relaciona-se com o sexo, pois, em última análise, este assunto é resolvido pelas mulheres e não pelos homens. No entanto, as prioridades imediatas dos jovens revelaram-se mais críticas. Centram-se nos estudos, na formação e na entrada para o mercado de trabalho, dependendo do seu *status* social actual e também de preferências de “estilo de vida”, tais como viajar, já terem ou desejarem ter um companheiro (a) e, se o tiverem, da situação material deste e das suas preferências. Um jovem pensa na organização futura da sua vida de acordo com a sua situação presente. No entanto, como a vida dos jovens implica um período de estudos e formação cada vez mais prolongado, e devido a um mercado de trabalho em rápida mutação (e aos elevados níveis de desemprego e emprego precário dos jovens de muitos países), é provável que os jovens vivam numa incerteza considerável em relação às suas perspectivas de futuro.

Não é, pois, de admirar que os jovens, nas suas estratégias de emprego, “joguem à defesa” (Arnell, 1988); em suma utilizam sobretudo estratégias “preliminares” em relação ao mercado de trabalho. A entrada para este mercado é, para muitos jovens, um processo moroso e marcado por longos períodos de trabalho temporário que apenas dão resposta às preocupações instrumentais e não expressivas. Este tipo de estratégias preliminares caracterizou durante muito tempo os empregos das mães no Reino Unido que aceitavam trabalhos em *part-time* para se

adaptarem aos horários escolares dos filhos. Para a geração mais jovem da actualidade, ao longo dos seus trajectos de vida, não existe um percurso linear a seguir. Um jovem de 23 anos do Reino Unido afirmou que, ao ver-se cercado por uma miríade de preocupações presentes, sente ainda ter muito tempo para “se organizar na vida” e adopta uma atitude de *laissez-faire*, deixando-se ir “ao sabor da maré”. Mas ele também revela receio de deixar os filhos “para demasiado tarde”:

Penso que os jovens, hoje em dia, deixam para muito tarde essas coisas tradicionais de casar e assentar na vida. Acho que primeiro querem singrar na carreira, organizar-se na vida, antes que seja tarde. Querem primeiro ter uma vida própria e só depois pensam em constituir família... Eu vou querer uma família, não quero envelhecer sozinho. Nem sequer penso nisso agora, talvez quando tiver 30 anos já esteja a ficar um bocado tarde, se ainda continuar a não pensar no assunto. Não me sinto pressionado a fazê-lo, deixo-me ir na corrente. Acho que faço isso com muitas coisas. Se acontecer, acontece.

Nas entrevistas de grupo focalizadas são particularmente evidentes duas questões importantes relativas à conciliação do trabalho com a vida familiar, embora sejam mais debatidas nuns países do que noutros. A primeira diz respeito às posições normativas dos jovens sobre se será ou não desejável que mães (mais do que os pais) com filhos pequenos sejam empregadas. A segunda questão relevante relaciona-se com as condições consideradas como as mais adequadas para se cuidar dos filhos, o ambiente “apropriado” para uma criança pequena. Quanto a esta última, os dois extremos tipicamente apresentados são: as mães não trabalham e tomam conta dos filhos em casa ou, no caso de terem emprego, os filhos ficam entregues aos cuidados de creches e infantários.

Ao analisar os resultados obtidos construiu-se uma matriz com os pontos de vista dos jovens, de acordo com estas duas questões. No eixo horizontal, colocou-se a opinião dos jovens sobre se é desejável ou não as mães serem empregadas e, no eixo vertical, as perspectivas sobre a melhor forma de cuidar dos filhos (figura 1). Ao apresentar estes dados, demonstra-se como os dois parâmetros se relacionam um com o outro e evidencia-se os tipos de compromisso a que os jovens chegam nas suas considerações hipotéticas.

Os grupos de entrevistados nem sempre apresentaram opiniões consensuais, nem os pontos de vista dos jovens foram necessariamente estáveis. Uma limitação desta tabela reside no facto de não permitir movimento entre os quadrantes, o que pode desvalorizar as nuances. Contudo, a matriz demonstra efectivamente a variação da aceitação pelos jovens do facto de as mulheres com crianças pequenas trabalharem (sendo o trabalho em *part-time* mais bem aceite do que o a tempo inteiro). As perspectivas variam em relação a outros tipos de guarda de crianças (houve necessidade de fazer confluir os cuidados por parte da mãe ou de outro familiar num dos extremos do eixo vertical da matriz). A discussão centrou-se nas diferentes idades em que as crianças “deviam” entrar para o infantário e na altura em que os empregos das mães eram mais bem aceites. Tais questões são condicionadas pelas políticas locais e nacionais e pelos acordos institucionais existentes em

<i>Cuidados institucionais desejáveis</i>	
<p>A:</p> <ul style="list-style-type: none"> - estudantes universitárias norueguesas; - todos os grupos de suecos; - três grupos do Reino Unido (grupos mistos de quadros e técnicos superiores; mulheres quadros; técnicas superiores, mais velhas, em formação). 	<p>D:</p> <ul style="list-style-type: none"> - não se registraram casos.
<i>A favor do trabalho das mães</i>	<i>Contra o trabalho das mães</i>
<p>B:</p> <ul style="list-style-type: none"> - todos os grupos portugueses; - cinco grupos do Reino Unido (dois grupos de quadros e técnicos superiores do sexo masculino, incluindo duas mulheres; estudantes universitários do sexo masculino e feminino; estudantes universitárias de origem asiática). 	<p>C:</p> <ul style="list-style-type: none"> - todos os grupos irlandeses; - os formandos noruegueses do sexo masculino; - três grupos do Reino Unido (formandos do sexo masculino; formandas mais jovens; estudantes universitários de origem asiática do sexo masculino).
<i>Cuidados a cargo da família desejáveis</i>	

Figura 1 Atitude dos jovens face ao emprego das mães e aos cuidados com os filhos

cada país, sendo estas limitações e os parâmetros contextuais levados em consideração para melhor se compreenderem os resultados obtidos nas entrevistas.

No interior da matriz, os pontos de vista dos jovens sobre as mães que trabalham e sobre as formas mais desejáveis de guarda de crianças podem localizar-se de acordo com quatro posições:

- A) o emprego das mães é bem aceite/desejável e os filhos devem ficar a cargo de uma instituição durante o dia;
- B) o emprego das mães é bem aceite/desejável e os filhos devem ficar ao cuidado da mãe ou de um familiar próximo;
- C) o emprego das mães não é aceite/desejável e os filhos devem ficar ao cuidado da mãe ou de um familiar próximo;
- D) o emprego das mães não é aceite/desejável e os filhos devem ficar a cargo de uma instituição durante o dia.

Não é de admirar que nenhum dos grupos se integrasse no quadrante D.

A perspectiva moderna: (A) o emprego das mães é bem aceite e os filhos devem ficar entregues a uma instituição de guarda de crianças

As opiniões dos jovens neste quadrante representam a perspectiva moderna da parentalidade e são bastante comuns entre os jovens suecos e noruegueses, relativamente raros entre os portugueses e os ingleses e praticamente ausentes entre os irlandeses. Há evidências de que os pontos de vista dos jovens estão a desviar-se neste sentido, especialmente entre alguns jovens portugueses e britânicos. A discussão entre um grupo de jovens estudantes norueguesas com vinte e poucos

anos, de um modo geral favoráveis a que as mães trabalhassem e os filhos pequenos ficassem em infantários, é típica desta perspectiva moderna. Ao contrário dos jovens britânicos e irlandeses, estas tinham passado pela experiência pessoal de guarda em infantários. No extracto seguinte, demonstram-se bastante cépticas em relação à ideia de serem “obrigadas” a ficar em casa:

[A] É assim tão comum que alguém... para além da licença de maternidade oficial, fique em casa com os filhos? Se assim for, só se tiver um trabalho que possa fazer em casa.

[B] ... ou se o outro tiver um emprego que sustente os dois.

[A] Vejam, para mim parece-me fora de questão ficar em casa e ser sustentada, quero dizer, para além da licença de maternidade, mesmo se ele...

[D] Não creio que fosse assim tão estranho, sabem, se eu...

[A] ... mas não podia ser durante muito tempo, talvez, afinal de contas uma pessoa tem de ...

[E] Temos de voltar a ter uma vida preenchida como dantes? Se há tanto para fazer em casa e vamos trabalhar fora e estivermos...

[Falam todas ao mesmo tempo]

[B] Sim, se se puder trabalhar em casa, então...

[A] Sim, claro, deve haver a alternativa...

[E] ... porque eu não era capaz de ficar em casa e lavar o chão e aspirar todos os dias e tomar conta dos filhos anos a fio!

[B] ... ser obrigada a só tomar conta dos filhos, penso que seria um bocado...

No excerto acima, o emprego é aceite como algo normal para as mães. As jovens acreditam que os “jardins-de-infância” são bons para o desenvolvimento social das crianças e que os cuidados exclusivamente a cargo das mães são “superprotectores”. “Até parece que os filhos são de porcelana”. Porém, as estudantes norueguesas manifestaram-se contra deixar os filhos por longos períodos no infantário e contra as mães recomeçarem a trabalhar “demasiado cedo”.

Na Suécia, o facto de as mães trabalharem é um dado adquirido da vida diária e os infantários públicos encontram-se amplamente disponíveis. As entrevistas realizadas neste país reflectem isso, discutindo-se pouco a questão de a guarda das crianças ficar a cargo de instituições e bastante mais o contributo dos progenitores do sexo masculino na educação dos filhos. Na Suécia (e também na Noruega), os pais são compelidos a tirar um dos 15 meses de licença parental paga. Os jovens suecos justificam com “factores biológicos e a amamentação” o facto de serem as mães a gozarem a maior parte da licença. “Excepto no primeiro ano (após o qual a licença deve ser partilhada) porque durante esse tempo (primeiro ano), a mãe é mais necessária do que o pai.” Um grupo sueco misto discutiu as vantagens de ambos os pais terem licença parental para se aproximarem da criança:

Para que o pai não seja visto como a pessoa simpática e bem-disposta que volta a casa com uma prenda no bolso, enquanto a mãe é a má da fita.

Foi salientada a importância de também o pai aprender a assumir sozinho a responsabilidade por um filho pequeno.

Os jovens suecos acham que, da mesma forma que ambos os pais devem partilhar as responsabilidades parentais, idealmente ambos deviam ter horários reduzidos e partilharem o direito a ficar com os filhos doentes. Reconheceram que isto é raramente possível na prática, porque, como alguns deles disseram, “os homens ganham mais”. “É sempre a economia que controla tudo.” Este factor, por sua vez, reforça a ideia convencional, ainda subjacente na Suécia, de que as mães são as pessoas mais importantes na vida dos filhos. Contudo, enquanto noutros países os jovens da classe operária do sexo masculino defendem normalmente ideias convencionais sobre a maternidade, os suecos tendem para uma visão moderna da paternidade e sugerem o esbatimento das diferenças de género.

Uma pessoa quer estar com os filhos tanto quanto possível enquanto estes crescem. Antigamente, o homem estava sempre a trabalhar e só via os miúdos ao fim-de-semana.

Não constitui surpresa que, dada a longa ausência de políticas de apoio público aos pais trabalhadores no Reino Unido, poucos jovens britânicos se incluíam neste quadrante, com três excepções. Um grupo misto de profissionais administrativos britânicos assemelha-se aos grupos escandinavos ao defender que o pai também deve partilhar a responsabilidade pelos filhos, mas mostrou-se céptico acerca da prática disto. Uma mãe solteira reafirmou a necessidade de creches no local de trabalho e a importância de serviços de guarda de crianças, e foi apoiada pelos outros jovens do grupo (sem filhos):

(As mães) ficariam mais descansadas sabendo que a criança está segura e que estão a tomar conta dela no local... E seria muito melhor para o futuro, porque pedagogicamente já se provou que as crianças que já receberam estímulos antes de irem para o primeiro ano da escola têm um QI mais elevado do que aquelas que ficaram em casa. Por isso acaba por ser melhor.

[Jovem de 26 anos, escriturária]

De forma semelhante, um grupo britânico de formandas (com quase 20 ou 20 e poucos anos) em cursos para educadoras de infância, administração e comércio, cabeleireiras e restauração mostrou-se a favor de as mães trabalharem e terem os filhos em creches e também em relação a oportunidades de formação que financiassem a guarda dos filhos. Uma mãe descreveu a reacção positiva da filha ao saber do seu novo emprego em *part-time*. “Ela diz que é óptimo. Que não grito tanto com eles!” E justificou o regresso ao trabalho com razões económicas e a necessidade de voltar a “sentir-se ela própria”. Essas vantagens, esperavam, fariam delas mães “melhores”. Também salientaram, em sintonia com a ideologia britânica dominante que considera o bem-estar dos filhos intimamente relacionado com a presença das mães, a importância de explicar aos filhos a razão de estarem a trabalhar. Uma jovem de 26 anos, mãe de três filhos, disse:

Por exemplo, a minha filha, eu expliquei-lhe. Ela perguntou: porque estás a trabalhar? E eu disse, bem, tu vais para a escola e gostas. Expliquei-lhe na linguagem dela. Agora ela diz-me para ir, porque adora que eu trabalhe. Como eu disse, ganho com isso, dedico um tempo com mais qualidade aos meus filhos, mais do que alguma vez dediquei, excepto quando nasceram e era uma novidade. Mas depois voltamos a cair na rotina, não é?

Estas mães estavam desejosas de se defender de acusações de negligência. Surpreendentemente, tinham uma ideia positiva das creches. (As mães da classe trabalhadora, no Reino Unido, são geralmente a favor de deixar os filhos com familiares.) Um grupo britânico de mulheres profissionais licenciadas também se situou neste quadrante, mas mostrou desconfiança relativamente ao trabalho a tempo inteiro para as mulheres com filhos, defendendo os empregos em *part-time* e creches financiadas com funcionamento também em *part-time*.

A perspectiva de transição / intermédia: (B) o emprego das mães é bem aceite e os filhos devem ficar entregues a familiares próximos

Todos os grupos portugueses se situaram neste quadrante. A taxa de emprego das mães portuguesas é elevada e estas trabalham mais horas do que as restantes mães europeias. Os jovens portugueses salientaram a necessidade do ordenado de ambos os pais e mostraram-se receosos da insegurança no trabalho. Consequentemente, viam o emprego das mães como uma necessidade económica. Todos os grupos disseram que o trabalho era fundamental na criação de “estabilidade” nas suas vidas; “assentar na vida” depende de se encontrar emprego. As jovens eram especialmente firmes nesta ideia e disseram que estabelecer-se numa carreira *antes* de ter filhos era essencial. Uma formanda de um curso técnico-profissional, separada e com dois filhos, dizia: “Antigamente, era normal (não trabalhar antes ou depois de se ter filhos). Um ordenado não chega para a casa.” Um licenciado de 32 anos comentou:

Casar sem ter emprego é cavar a própria sepultura. Ter filhos sem ter emprego é enterrar-se completamente.

Os jovens portugueses pareceram perplexos sobre como criar a necessária estabilidade financeira antes de ter filhos. Todos os querem ter, como dizia um jovem, “antes de morrer”. Uma operária fabril com dois filhos mostrou-se realista:

Se esperamos por ter as condições ideais para termos filhos, então nunca temos. Estamos sempre à espera de dias melhores... Temos de conciliar os filhos com a situação que temos.

O baixo nível de creches e infantários públicos, o elevado número de contratos de trabalho temporário ou na modalidade de “recibos verdes” e a pesada carga

horária em Portugal (que em muitos casos vai para além do horário de funcionamento dos infantários) são compensados pela ajuda da família, especialmente das avós. Muitos jovens ficaram eles próprios com as avós e confiam mais na “família” do que em “pessoas estranhas” (educadoras e auxiliares). Uma estudante de 23 anos disse:

Tive uma experiência muito boa com os meus avós. Por isso, quero o mesmo para os meus filhos. É importante para as crianças terem uma relação próxima com a família, para terem o amor que só uma avó sabe dar. Com as creches, não concordo, é deixar os filhos com estranhos que podem não conhecer as necessidades específicas daquela criança.

Os infantários, contudo, foram indicados como solução preferencial para as crianças um pouco mais velhas que estão a “começar a andar e a falar”. Foi dito que os filhos precisam de contacto com outras crianças e de mais apoio pedagógico do que aquele que as avós são capazes de dar.

A minha mãe, que tem 60 anos, não é provavelmente a pessoa certa para cuidar da minha sobrinha. Não estou a pôr em causa as capacidades da minha mãe. Apenas acho que a minha sobrinha devia ser educada de forma diferente, mais moderna, mais pedagógica.

Uma estudante universitária dizia: “As educadoras de infância sabem estimular as crianças, por isso superam a minha mãe, que apenas tem a quarta classe.” Devido à rápida mobilidade social através das gerações, à medida que mais jovens portugueses atingem qualificações mais elevadas, a crença de que as crianças têm a ganhar ficando nas creches está a vulgarizar-se cada vez mais.

Vários grupos do Reino Unido também ficaram neste quadrante. Dois são compostos em grande parte por jovens quadros e técnicos do sexo masculino, dois grupos de estudantes universitários (um de cada sexo), enquanto um quinto grupo é composto por estudantes universitárias do sexo feminino de origem asiática. Este último grupo usou os estudos como uma desculpa ou estratégia deliberada para protelar o casamento e a maternidade, que constituíam para elas a norma culturalmente prescrita para aquele momento do seu trajecto de vida. Porém, as jovens de origem asiática estavam também muito motivadas para integrar o mercado de trabalho, pois tinham lutado para entrar, continuar na universidade e obter as licenciaturas. Tanto as universitárias de origem asiática com as restantes se mostraram inseguras sobre se iriam trabalhar com os filhos pequenos e em relação à conciliação da carreira com os filhos. Ambos os grupos eram favoráveis a que as crianças ficassem a cargo de familiares e mostravam-se desconfiadas das creches e vigilantes (que eram pouco aceites, sobretudo pela comunidade asiática). Mostraram-se também realistas em relação ao facto de os companheiros não participarem nos cuidados a prestar aos filhos.

Os jovens portugueses das classes trabalhadoras e empregados pouco qualificados salientam as razões de ordem financeira para justificar o emprego das mulheres e também por estas razões são favoráveis a que as crianças estejam mais

a cargo de familiares. Não deixam, porém, de reconhecer o contributo dos infantários para o processo de desenvolvimento das crianças. Os profissionais licenciados britânicos e os estudantes universitários do sexo masculino estão a favor do emprego das mulheres, não tanto pelo reconhecimento da necessidade económica de ambos os pais trabalharem, mas mais devido ao grande investimento educacional e profissional nas suas carreiras. As ideias assumidas em relação à igualdade entre os sexos no contexto do investimento feminino nos estudos e na formação são também relevantes. Os jovens portugueses com formação universitária e profissões de qualificação elevada aproximam-se das posições dos seus congêneres britânicos, mas põem maior ênfase nos cuidados com as crianças, durante os primeiros dois a três anos de vida, ficarem a cargo da família.

Para alguns dos jovens britânicos, o que estava em questão era como distribuir entre a mãe e o pai as responsabilidades relativamente ao emprego e aos filhos. Deste modo, os jovens licenciados do sexo masculino viam os infantários como uma opção “irresponsável” e preferiam os cuidados parentais, em casa. Ter filhos e o modo como organizar a prestação de cuidados são assuntos para os pais decidirem, uma questão de “escolha” e planeamento e, muitas vezes, exemplificada com a estratégia de certo modo irrealista segundo a qual ambos os pais trabalhariam em *part-time* e ficariam com a criança em casa:

Deste modo, os filhos pequenos podem ficar em casa. Defendo a ideia do trabalho em *part-time*, penso eu, para ambos os pais e para cuidar dos filhos; como programadoras de computadores, a muitas mulheres com quem trabalho é-lhes oferecido trabalho em *part-time* 3 dias por semana, e funciona muito bem, penso que ainda falta muito tempo até oferecerem isso aos homens.

[Programador de computador com 27 anos]

A perspectiva tradicional: (C) o trabalho das mães é inaceitável e as crianças devem ficar com as mães

No terceiro quadrante, concentram-se todos os grupos irlandeses, 3 grupos do Reino Unido (dois grupos de homens e de mulheres, formandos de serviços pouco qualificados, e um grupo de estudantes universitários de origem asiática do sexo masculino) e um grupo norueguês de jovens a receber formação para operários qualificados da indústria naval.

Os jovens irlandeses consideraram o trabalho das mães como desestabilizador para toda a família, a mãe à lareira continua a ser a imagem central de uma família irlandesa “decente”. Ainda é uma prática tradicional entre a maioria das mulheres irlandesas e corresponde às experiências de infância de praticamente todos os jovens irlandeses. Para além disso, alguns destes jovens acham preferível que as mães fiquem em casa ao longo de toda a escolaridade dos filhos.

Não é muito, na verdade não são muitos anos. Temos desde os 5 anos até eles terem 20, 15 anos na escola e algum tempo na faculdade... Muitas pessoas voltam ao

trabalho, digamos, dois ou três meses depois de terem filhos e voltam às pressões dos horários das 9 às 6. Não sei, não acho que esteja certo. Se eu tivesse um filho, queria estar presente, tomaria conta dele. É importante.

[Licenciada num curso de formação]

As ideias tradicionais revelaram-se correntes entre os jovens irlandeses, a maioria dos quais com estudos. No entanto, devido a um investimento considerável nos estudos e na formação, as jovens irlandesas mostravam-se claramente relutantes em “assentar” no momento do trajecto de vida em que se encontravam e procuravam protelar o acto de constituir uma família. Os jovens irlandeses casam tarde e as taxas de fertilidade, embora continuem a ser das mais altas da Europa, estão a baixar rapidamente.

A entrega dos filhos aos cuidados alheios quando as mães trabalham foi vista como algo debilitador da vida familiar. No entender de uma jovem:

Sim, acho que há (a necessidade do Estado apoiar financeiramente as mães que ficam em casa), porque as crianças precisam de ser criadas como deve ser. E se passam a vida de mão em mão ficam confusas. E não vão saber o que é uma vida familiar como deve ser enquanto são pequenos. Então com vão elas poder dar aos próprios filhos a oportunidade de terem uma vida familiar como deve ser?

Porém, enquanto se espera que as mães fiquem em casa, as jovens não se mostram necessariamente agradadas com a ideia de elas próprias o fazerem, como se pode entender da seguinte transcrição:

Se estamos dia sim dia não com a criança, é mais natural. Preferia, se possível, que as mulheres trabalhassem.

[Jovem licenciada em formação]

Os jovens irlandeses mostraram-se receosos de que o trabalho das mães fora de casa enfraqueça os “laços” destas com os filhos e afecte adversamente o desenvolvimento emocional das crianças. A ideia de as pôr em creches no caso de a mãe trabalhar a tempo inteiro foi fortemente sancionada. A ligação muito próxima entre pais e filhos é transmitida culturalmente, mas pode também surgir num contexto em que é posta grande ênfase na *profissionalização da parentalidade*, de acordo com as *influências modernistas* do desenvolvimento infantil, especialmente a teoria de a criança ser um “recipiente vazio” que precisa de tempo e da perícia dos cuidados maternos.

A complementar a construção do lugar da mãe irlandesa em casa, encontramos o papel do homem como chefe de família. O lugar do irlandês é no trabalho. A ideia dos homens com filhos ficarem em casa foi acolhida com incredulidade. Uma jovem em pós-graduação comenta:

É tão tradicional. Nós ainda somos vítimas da nossa educação. Eu não era capaz, acho eu, de ter respeito — por exemplo, uma amiga minha e o namorado ficaram em casa

a tomar conta dos filhos. Penso que neste caso era verdade que ele não conseguia arranjar trabalho. (Alguém do grupo interrompe: “ele era um idiota”). Acho que sim. Ele era tão inútil que tinha de ficar em casa.

Os jovens irlandeses do sexo masculino não conseguiam pensar em trabalhar em *part-time* ou fazer uma pausa na carreira. Muitos foram favoráveis a que as jovens também quisessem seguir uma carreira, mas ainda esperam que elas tenham filhos e deixem o trabalho quando isso acontecer. Como disse um jovem: “Seria melhor ter a mãe sempre presente do que o pai, não sei porque digo isto.”

Na Irlanda, a parentalidade foi vista mais como uma obrigação inevitável para a qual se devem fazer “sacrifícios”, enquanto no Reino Unido os discursos se centraram mais na escolha pessoal e responsabilidade individual. Como disseram alguns jovens irlandeses, desde que a família esteja em primeiro lugar, o emprego das mães é aceitável, mas só em *part-time*.

Os jovens formandos noruegueses e do Reino Unido da classe operária também se situaram neste quadrante, da mesma forma que um grupo de estudantes universitários do sexo masculino de origem asiática. Este grupo defendia ideias extremamente tradicionais dos papéis dos géneros, muito mais do que o grupo de universitárias de origem asiática (quadrante B). Todos estes grupos sustentaram o ponto de vista tradicional de que as mães devem ficar em casa e os pais devem ser os provedores do sustento. No dizer de um aprendiz norueguês:

(as mães) devem de preferência lá estar quando eles (os filhos) voltam da escola... e, se necessário, ficar a trabalhar metade das horas. Um deles tem de chegar a casa e fazer o jantar, e tudo isso, antes de o filho vir da escola. A opção de serem os pais a tirar a licença parental não lhes agradava e esconjuravam o facto de “se aborrecerem de ficar em casa.

Embora os jovens britânicos em formação reconhecessem que em muitas famílias ambos os pais têm de trabalhar, ainda enfatizaram a importância de as mães não trabalharem enquanto os filhos tiverem menos de 3 anos e mostravam-se ansiosos em relação às crianças ficarem “demasiado tempo nos infantários”, face aos quais se posicionaram de forma muito desfavorável nos casos em que as crianças são muito pequenas. Com efeito, os cuidados a cargo de instituições eram o “tema quente” da ordem do dia na comunicação social britânica durante o trabalho de campo, funcionando como um rastilho de pólvora para se manifestarem atitudes negativas face às mulheres trabalhadoras.

[R] É um contra-senso, não é? Porque a palavra infantário era suposto ser uma espécie de sinónimo de bem-estar para as crianças, não era? Enquanto que agora é só...

[X] Um sítio para despejar os miúdos.

[R] Atiram-se os putos para lá ...

[X] Quero dizer, qual é a vantagem de ter filhos se não vamos lá estar para os ver crescer?

Este grupo britânico do sexo masculino criticava as mães por “deixarem” os filhos e irem trabalhar, mas censuravam simultaneamente as mães sozinhas que não trabalhavam para se sustentar. Para tentarem evitar esta contradição, avançaram como solução que as mães trabalhassem em *part-time*, mas definitivamente eles não o fariam. Um grupo de formandas britânicas com 18 anos mostrou-se também bastante ambivalente em relação aos infantários para crianças muito pequenas e acreditava que os cuidados da mãe eram melhores.

Conclusões

Comum a todos estes jovens europeus é a dificuldade de entrarem no mercado de trabalho e de criarem uma carreira profissional, não admirando que muitos tenham ainda de pensar bem antes de ter filhos. As aspirações são específicas do momento e do trajecto de vida de cada um. Para muitos jovens, o futuro parece muito distante. A pequena minoria dos que já têm filhos reflectiu mais sobre estas questões, por isso adopta uma visão pragmática, procurando conciliar a necessidade económica de trabalhar e a de tomar conta dos filhos.

As perspectivas dos jovens sobre a futura conciliação entre trabalho e vida familiar reflectem as tendências demográficas e as políticas governamentais para os pais trabalhadores nos países respectivos. Mas mesmo em nações onde já há muito que o emprego das mães é uma norma, alguns jovens mostraram-se bastante conservadores nas suas opiniões, especialmente os jovens da classe trabalhadora do sexo masculino. Em todos os países as mulheres tinham grandes aspirações profissionais, mas nos que dão pouco apoio para cuidar dos filhos mostraram-se também cépticas em relação à possibilidade ou à desejabilidade de conciliar a maternidade e o emprego quando os filhos são pequenos. A experiência dos jovens da sua própria infância era também um ponto de referência importante para alguns, mas não constituía por si só uma explicação.

Através dos 5 países, as orientações dos jovens em relação a conciliação entre trabalho e família variam de atitudes extremamente tradicionais às mais modernas. As tradicionais encontram-se na Irlanda, em contraste com Portugal, igualmente um país católico, até aos anos 70 com uma elevada taxa de fertilidade e baixo índice de emprego feminino. Os jovens portugueses consideram o emprego das mulheres com filhos um dado adquirido, no contexto da continuação de elevadas expectativas de apoio familiar. Na Suécia, os jovens possuem as atitudes mais modernas e positivas, dado que neste país há muito que as taxas de emprego das mães são elevadas, bem como o nível de infantários públicos. Os jovens noruegueses, apesar de viverem numa sociedade pequena e relativamente homogénea, surpreendentemente apresentaram maior variação de atitudes do que os suecos, talvez devido a um aumento mais lento do número de instituições públicas de guarda de crianças, em comparação com outros países escandinavos (Leira, 1992).

As atitudes dos jovens britânicos espriam-se pela matriz e variam em função da classe social, do género e da origem étnica. A sociedade britânica é mais diversificada do que a dos outros países, mas é também única por combinar de

modo especial um conjunto de características: historicamente, possui elevadas taxas de emprego das mães com filhos em idade escolar, elevadas taxas de mães a trabalharem em *part-time* e um número de infantários públicos de pouca expressão. O apoio dado por familiares é importante, mas, ao contrário de Portugal, não lhe foi atribuído tanto valor, isto até recentemente, dada a importância simbólica do sistema de segurança social na sociedade britânica do pós-guerra. Atitudes tradicionais foram encontradas entre formandos britânicos e estudantes universitários do sexo masculino de origem asiática, enquanto um grupo de formandas do sexo feminino expressou atitudes modernas. Atitudes de transição foram manifestadas por jovens quadros britânicos e estudantes universitárias, que viam ambos os pais a resolverem entre si o dilema trabalho-filhos mais do que a recorrerem às instituições de guarda. Estas atitudes de transição reflectem o grande investimento dos jovens nas suas carreiras profissionais e ideias de igualdade nos papéis dos géneros, de acordo com as quais os filhos são encarados como um projecto partilhado pelo casal. Os jovens portugueses enquadram-se na perspectiva de transição de forma diferente dos britânicos. Tanto os rapazes como as raparigas não consideram a ideia de ter filhos sem trabalhar. Sendo importante a necessidade de emprego para obtenção de recursos materiais, é igualmente importante para as mulheres como condição da sua autonomia, e para todos os mais escolarizados como reconhecimento do seu investimento nos estudos. Com as taxas mais elevadas da Europa de mães empregadas (medidas pelas horas de trabalho), licenças parentais sem vencimento, uma rede insuficiente de infantários públicos e infantários privados a preços elevados, esperam ainda contar com o apoio da família, principalmente para os primeiros anos de vida das crianças, mesmo no contexto actual de emprego das mães e estilos de vida de duplo salário.

Tendo chegado recentemente à prática de as mães trabalharem, a Irlanda pode ainda resolver o dilema trabalho-filhos através da ênfase no apoio da família, como no exemplo português. Ou pode tomar a via britânica, em que o casal procura resolver esse dilema através de modelos flexíveis de horário de trabalho ou dos infantários privados. Porém, pode ainda optar por seguir o modelo da segurança social escandinava, onde os infantários são públicos e as licenças parentais pagas.

Notas

- 1 Nem todos os estudos nos cinco países eram directamente comparáveis, pois foram realizados com vários objectivos e não apenas para o estudo central da UE. Neste artigo são apenas incluídos os grupos comparáveis entre si. Os grupos dos que não trabalham foram omitidos pois não eram comparáveis transnacionalmente.

Referências bibliográficas

Arnell-Gustafsson, Ulla (1988), *Om Ungdomars syn Pa Arbete. En litteratur sammanställning*, Estocolmo, Arbetslivscentrum, Arbetsrappor.

- Brannen, J., P. Moss, C. Owen e C. Wale (1997), *Mothers, Fathers and Employment: Parents and the Labour Market in Britain, 1984-1994*, Londres, Department for Education and Employment.
- European Commission Childcare Network (1996), *A Review of Services for Young Children in the European Union 1990-1995*, Bruxelas, EC Equal Opportunities Unit (DGV).
- Deven, F., S. Inglis, P. Moss, e P. Petrie (1998, no prelo), *An Overview Study on the Reconciliation of Work and Family Life for Men and Women and the Quality of Care Services*, Londres, Department for Education and Employment.
- Leira, A. (1992), *Welfare States and Working Mothers*, Cambridge, Cambridge University Press.

Julia Brannen. Professora de Sociologia da Família. Institute of Education. University of London. Co-Directora do Work-Life Research Centre, Thomas Coram Research Unit, 27/28 Woburn Square, London WC1H 0AA, Reino Unido.
E-mail: Julia Brannen<tcru4@ioe.ac.uk>.

Janet Smithson, Department of Psychology and Speech Pathology, Manchester Metropolitan University, Hathersage Road, Manchester M13 0JA, Reino Unido. Email: J. Smithson@mmu.ac.uk. Telefone 0161 247 2546; Fax 0161 247 2693.